

CONCEPÇÃO E NARCISISMO DE VIDA

(O desejo de imortalidade do Eu)

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

Psicanalista,
Membro Efetivo do Departamento
Formação
em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae,
Mestranda
do Núcleo de Psicanálise da PUC-SP

RESUMO: *A autora usa o conceito de narcisismo de vida ou positivo do psicanalista André Green, narcisismo a serviço de Eros, para refletir sobre a concepção de um novo ser e os aspectos narcísicos envolvidos nesta.*

O título deste artigo pode de imediato causar uma certa estranheza. Como se articulam esses dois conceitos? Um proveniente da biologia – concepção, ou ato de ser concebido, de ser gerado – o outro da psicanálise – narcisismo. Sendo que o conceito de narcisismo não deixa de ser um conceito que gera controvérsias, e narcisismo de vida é uma especificidade do conceito denominada pelo psicanalista francês A. Green. Começemos, então, pelo narcisismo ...

O termo narcisismo passou a conter um viés moral que restringe nossa capacidade de pensá-lo, tanto para psicanalistas, quanto para leigos. O termo narcisismo se incorporou à linguagem cotidiana quase como um sinônimo de egoísmo, ou para designar alguém que adora a imagem de si mesmo, o que não deixa de ser parcialmente pertinente, mas cabe ao psicanalista a responsabilidade do rigor teórico, podendo pensar o conceito fora deste viés moral no qual se encontra. Geralmente encontramos o conceito de narcisismo vinculado às patologias. Poucos textos abordam o fato de que todos nós necessitamos de gratificações narcísicas ao longo da vida, e de que este narcisismo é um narcisismo de vida.

Sobre esta perspectiva – do narcisismo de vida – retomamos Freud buscando uma interlocução que se pretende, neste momento, breve. Os conceitos abordados são objeto de discussões, principalmente a última teoria pulsional de Freud.

Na sua última teoria das pulsões, FREUD (1938) reagrupa como pulsões de vida todas as pulsões que anteriormente eram antagônicas.

Antagonismo que passa a ser somente entre pulsão de vida e pulsão de morte.

... Depois de muito hesitar e vacilar decidimos presumir a existência de apenas dois instintos básicos, Eros e o instinto destrutivo. (O contraste entre os instintos de auto-preservação e a preservação da espécie, assim como o contraste entre amor do ego e o amor objetal, incidem dentro de Eros.) ... (p. 173)

Ou seja, o narcisismo incide dentro de Eros. Freud nos fala de um contraste entre amor do ego e amor objetal. Quando o amor do ego se enriquece, o amor objetal empobrece e vice-versa. Como será que podemos pensar neste equilíbrio entre libido narcísica e libido objetal, ambos banhados por Eros? Parece existir uma interdependência entre libido objetal e libido narcísica, o equilíbrio se daria pelo fato de que um necessita do outro? Freud nos fala de uma quota de libido que é armazenada no ego e que este investe nos objetos, transformando libido narcísica em libido objetal. Usa a metáfora da ameba com seus pseudópodos para ilustrar esta dinâmica energética. A esta quota de libido armazenada no ego denomina narcisismo primário.

O conceito de narcisismo primário levanta controvérsias, por ser compreendido por alguns psicanalistas como um estado anobjetal. O protótipo deste estado seria a vida intra-uterina. Atualmente se sabe que o feto humano já tem trocas com seu meio. LAPLANCHE E PONTALIS (1992) perguntam... *“como passar de uma mônada fechada em si mesma para o reconhecimento progressivo do objeto?”* (p. 289). Nos parece uma tarefa difícil. Mas se pensarmos no narcisismo “primário” como a interiorização de uma relação, uma identificação narcísica com o objeto, já nos aproximamos da nossa reflexão sobre a interdependência entre libido narcísica e libido objetal.

Chegamos ao mundo com a nossa bagagem pulsional, necessitando ser humanizada. Nos tornamos humanizados no encontro com outro ser humano que nos libidiniza. Para este primeiro outro — supostamente a mãe — o bebê tanto é uma realização de suas aspirações narcísicas como um novo objeto. Os pais libidinizam seu bebê, e o bebê, por sua vez, traz uma realização “narcísica-objetal” para seus pais. Realização narcísica que não é uma negação da castração, é um narciso humanizado, castrado, se assim podemos dizer. Não é “Sua Majestade o bebê”, mas é o bebê possível, o bebê humano.

Podemos pensar as relações humanas ocorrendo neste campo “narcísico ↔ objetal” e que o equilíbrio destas polaridades acontece pelo conjunto das experiências vividas no processo de humanização e pelo legado pulsional de cada um. Aqui demos um salto teórico próprio, colocamos “narcísico-objetal” lado a lado, dentro de um mesmo campo psíquico, como polaridades que se afetam mutuamente e onde há um constante movimento entre estas polaridades. O equilíbrio é o movimento, um esforço contínuo de voltar novamente ao

ponto de equilíbrio, não é estático, é um processo ativo. Estamos constantemente buscando o equilíbrio entre nossos investimentos “narcísicos-objetais”. Ou seja, não seria possível pensarmos em um investimento puramente narcísico, ou puramente objetal. Mesmo quando existe um desequilíbrio – podemos pensar nas patologias – ambos continuam presentes.

A denominação de Green — narcisismo de vida ou narcisismo positivo — vem de encontro à postulação de Freud em 1938, citada acima, de que o narcisismo incide dentro de Eros. Mas não seria possível compreendermos as patologias narcísicas se o narcisismo incidisse apenas dentro de Eros. Green propõe chamar de narcisismo negativo as relações entre narcisismo e pulsão de morte.

Freud não chegou a rever o conceito de narcisismo à luz de sua última teoria pulsional. Mas se pensarmos que o aparelho psíquico é banhado pela pulsão de vida e pela pulsão de morte, não há nada no psiquismo que escape desta luta de titãs.

O escopo deste trabalho é privilegiar as relações entre o narcisismo e a pulsão de vida, e a relação destes conceitos com a concepção e a filiação. É com este objetivo que propomos a análise de um poema de Lya Luft (1997, p. 37):

Canção da imortalidade

Os filhos que tive são adultos,
com filhos que também tiveram: sangue
e cílios,
jeito de andar, gesto
e gosto nesta vida estão nessas carnes que pari.

Através delas olham-me o amado morto,
a avó perdida, e o mistério de tudo
que sempre me assombrou. Rosa de espantos,
catavento de traços espalhados
como num milagre de multiplicação,
cheio de surpresas: porque ali
naquele olho azul me vejo, naquela fina mão te vejo,
amado meu, como eles se verão futuramente
quando nós formos apenas sombra
na memória.

O primeiro objeto de reflexão se coloca já no título do poema — *Canção da imortalidade*. Freud, no capítulo VI do texto *Além do princípio do prazer*, apresenta pela primeira vez com este nome, a pulsão de morte. E para falar sobre a pulsão de morte e a pulsão de vida, começa a refletir sobre a morte e a imortalidade. Faz uso da teoria de Weismann, na qual há uma divisão na

substância viva de partes mortais e imortais. A parte mortal é o corpo ou soma, a parte potencialmente imortal são as células germinais. Estas podem transferir, mesmo que parcialmente, para outro corpo sua herança genética. Freud faz uma comparação entre a sua teoria pulsional e a teoria de Weismann. A pulsão de vida, na qual se insere agora a pulsão sexual, é a corporificação da vontade de viver, as células germinais. A pulsão de morte é a parte mortal, a tendência ao zero, a desintegração.

No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) FREUD escreve:

“...O indivíduo considera a sexualidade como um dos seus próprios fins, ao passo que, de outro ponto de vista, ele é um apêndice de seu germoplasma, a cuja disposição põe suas energias em troca de uma retribuição de prazer. Ele é o veículo mortal de uma substância (possivelmente) imortal – como herdeiro de uma propriedade inalienável, que é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive...”(p. 94)

A sexualidade passa a ter uma função que transcende o indivíduo, ela é o veículo de ligação entre as gerações. A imortalidade é uma imortalidade relativa. Parte da herança genética de cada um dos pais é transmitida para um outro ser humano. E na sucessão de gerações esta herança genética vai se pulverizando ... *catavento de traços espalhados como num milagre de multiplicação...*

Narcisismo e imortalidade são conceitos que se relacionam. O narcisismo, como investimento libidinal no Eu, é o responsável pelo desejo de imortalidade e pela crença inconsciente na mesma. É um Eu cindido, onde uma parte se reconhece mortal, e deseja a imortalidade, mesmo que relativa. E outra parte – inconsciente – se crê imortal, não reconhecendo a morte do Eu, nem dos objetos. Para Freud a morte não tem representação no inconsciente.

“É deste ponto de vista que se pode realmente falar de imortalidade, isto é, de uma autêntica recusa da morte no seio de um Eu que se sabe mortal, com seu duplo que se recusa a admitir a fatalidade do término de sua existência. A referência à sexualidade nem por isso é deixada de lado. No entanto, a imortalidade do gérmen não tem representação no inconsciente. Em contrapartida, à mortalidade biológica do soma assim como à consciência da morte responde a imortalidade de uma parte do Eu. É o narcisismo – efeito da sexualização das pulsões do Eu – a causa disto.” (GREEN 1998, p. 291)

A imortalidade de que Luft nos fala é a imortalidade a serviço de Eros, é parcial e implica na consciência da própria morte. Satisfaz o desejo narcísico de imortalidade do Eu, reconhecendo a transitoriedade da vida. Assim como Freud – *é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive.*

Estamos aqui nos apoiando na biologia, mas também podemos pensar que esta gratificação narcísica saudável do Eu se encontra em vários campos da atividade humana. Escrever um livro, artigos, dar aulas, atender

nossos pacientes estão no campo das gratificações narcísicas de um psicanalista. O desejo de imortalidade do Eu está presente em vários contextos, não somente na transmissão do patrimônio genético. E se coloca tanto a serviço de Eros como a serviço de Tânatos. Podemos encontrar o desejo de imortalidade tanto na normalidade quanto na patologia.

O desejo de imortalidade que se realiza narcísicamente na concepção — *...porque ali naquele olho azul me vejo...* — é ao mesmo tempo constatação da finitude e da transitoriedade da vida. Por isso podemos falar de um “narciso castrado”, ou de uma realização narcísica “modesta”, já que implica no reconhecimento de seus limites.

Freud, ao fazer sua análise do sonho de Irma, revela suas fantasias de imortalidade, imaginando a placa comemorativa do desvendamento da vida onírica. Desejo de imortalidade que se realizou, dentro de um contexto de genialidade que escapa à maioria de nós.

Talvez a realização narcísica que ocorre na concepção de um novo ser seja a mais comum e a mais visceral — *...gesto e gosto nesta vida estão nessas carnes que pari...*

Luft cria com palavras um jogo de espelhos onde ela se vê — narciso enamorado — e vê o outro perdido — o objeto perdido, através de um outro presente.

...porque ali naquele olho azul me vejo, naquela fina mão te vejo, amado meu,...

Luft se vê dentro de uma cadeia geracional, onde o passado — *a avó perdida, o amado morto* — o presente — *os filhos que tive...com filhos que também tiveram* — e o futuro — *como eles se verão futuramente* — permeiam seus investimentos “narcísicos-objetais”. Investimentos que acompanham o fluxo da vida, que é uma constante busca de equilíbrio entre os investimentos narcísicos e os investimentos objetais.

Nossos investimentos objetais nunca morrem totalmente, permanecem como sombra na memória. Podemos sobreviver à morte de entes queridos — *o amado morto* — graças às pulsões de vida e ao narcisismo de vida. O objeto morto, quando a pulsão de vida prevalece — o investimento libidinal no Eu, pode ser esquecido e ficar como *sombra na memória*, e não como sombra sobre o ego, como encontramos no luto melancólico, caracterizado pelo puro cultivo da pulsão de morte. No inconsciente nossos objetos nunca morrem, não há registro de morte no inconsciente. Recriamos nossos objetos perdidos nos sonhos, que serão sempre *...apenas uma sombra na memória*.

“... essas ruas sombrias da mente onde os mortos continuam a viver — e sua característica de doçura talvez provenha do fato de o sonhante poder vê-los novamente com vida, como num filme recriado, com autonomia, pela memória. São sonhos comuns a todos nós, na infundável elaboração de nossos

lutos...”(MARTINS, 1995)

Todos nós temos o nosso Hades, onde as almas se encontram. E ao qual também pertenceremos e seremos apenas sombra na memória daqueles que amamos. Talvez este Eu encurralado na constatação da transitoriedade da vida, tanto de si mesmo como de seus objetos, precise acalentar um desejo narcísico de imortalidade, mesmo que relativo.

Quando um casal deseja conceber um filho, é esta realização a serviço do narcisismo de vida que está em jogo, dentro do campo da normalidade. É poder ver partes de si em um outro ser e ver também partes do amado. O desejo relativo de imortalidade do Eu se estende para o desejo de imortalidade do par.

O ato de conceber evidencia a cadeia geracional à qual pertencemos, é um voto pela vida e ao mesmo tempo uma consciência da morte e da finitude. No ato da concepção, concepção biológica e psíquica de um novo ser, o berço pulsional no qual somos gerados revela toda sua força. É como se estivéssemos diante da beleza das construções da natureza, admiramos e ao mesmo tempo nos sentimos pequenos e amedrontados diante de tamanha força de construção e destruição.

Através delas (nessas carnes que pari) olham-me o amado morto, a avó perdida, e o mistério de tudo que sempre me assombrou....

ABSTRACT: *The author uses the concept of narcissism of life or positive by the psychoanalyst André Green to reflect on the conception of a new being and the narcissistic aspects implied by it.*

Palavras-chave: *Narcisismo, Narcisismo de vida e Concepção.*

Key-words: *Narcissism, Narcissism of life and Conception.*

BIBLIOGRAFIA

- FREUD, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. E. S. B., Imago, RJ, 1975.
- _____ (1920). *Além do Princípio do Prazer*. E. S. B., Imago, RJ, 1975.
- _____ (1940). *Esboço de Psicanálise*. E. S. B., Imago, RJ, 1975.
- GREEN, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Escuta, São Paulo.
- LUFT, Lya. *Secreta mirada*. Mandarim, São Paulo, 1997.
- MARTINS, R. B. "Algumas considerações sobre o sonho e suas funções".
Rev.Bras.Psicanal. 39 (1): 55-68, 1995.

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

Rua

Jericó 255, cj.128

Vila Madalena São

Paulo – SP

Fone

3819-0325

marinar@ruralsp.com.br